

RONKÓ DE ENSINANÇAS E OUTRAS VIADAGENS: A TRAJETÓRIA PEDAGÓGICA AFRO-DIASPÓRICA BIXA¹

RONKÓ DE ENSINANÇAS AND OTHER VIADAGENS: THE BIXA AFRO-DIASPORIC PEDAGOGICAL TRAJECTORY

André Luiz de Souza FILGUEIRA

<andrefilgueiraodara@gmail.com>

Doutor em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB). Distrito Federal, Brasil
Professor na Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Universitário do Tocantins/Cametá, Pará, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/9551861815866562>

<https://orcid.org/0000-0001-9680-1272>

RESUMO

Este artigo recupera a trajetória de escolarização de um sujeito negro gay do Brasil Central. O filho mais novo de uma passadeira de roupas e de um ex-presidiário, já falecido, é quem fala. Aquele que fez da educação uma máquina de guerra em uma espacialidade guiada pelo ódio às corporeidades abjetas. Decifrar os lugares de fala cortados pela corporeidade negra-gay goianiense, fatiados não somente pela dor, mas também cravejados pela resistência de quem fez da educação o ouro que guarda a vida, é a forja desta escritura dourada preta-gay. Esses elementos são indispensáveis para compreensão de um enredo fundido pela pedagogia afro-diaspórica-bixa, marcada pela padilhagem².

PALAVRAS-CHAVE: negro-gay; pedagogia afro-diaspórica-bixa; resistência; axé e padilhagem.

ABSTRACT

This article recovers the schooling trajectory of a black gay individual from Central Brazil. The youngest son of a clothes ironer and an ex-convict, now deceased, is the speaker. The one who made education a war machine in a spatiality guided by the hatred of abject corporeities. Deciphering the places of speech cut by the gay-black corporeity of Brazilian Goiás State, sliced not only by pain, but also studded by the resistance of those who made education the gold that guards life, is the forge of this black-gay golden writing. These are essential elements for understanding a plot fused by the Afro-Diasporic-Bixa pedagogy, marked by "padilhagem".

KEYWORDS: gay-black; Afro-Diasporic-Bixa pedagogy; resistance; axé and padilhagem.

¹ O movimento LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queers, Intersexos, Assexuais e Mais Outras Identidades de Gênero e Orientações Sexuais) emprega a grafia do vocábulo 'bixa' com a letra 'x', e não com 'ch' como determina à língua normativa, como afirmação política e identitária.

² A padilhagem, segundo Simas e Rufino (2018, p.96), é a exaltação da liberdade corporal pelas ruas. Emprego aqui o conceito de padilhagem, concebido pelos autores, para chamar atenção aos saberes femininos, trazidos por mulheres, que afetaram à minha caminhada afro-pedagógica-bixa.

*Você não sabe o quanto eu caminhei
Pra chegar até aqui
Percorri milhas e milhas antes de dormir
Eu não cochilei
(Cidade Negra)*

INICIAÇÃO

Agô³, Iaroié⁴! Agô, ogunhê⁵! Agô, ore yê yê ô⁶! Agô leitorx deste texto para iniciar esta caminhada envolvido pelos sugestivos versos da canção “A estrada”, do álbum “Quanto mais curtido melhor”, de 1998, do conjunto musical Cidade Negra. Trata-se de uma obra artística que há muito tempo embala o meu percurso formativo. Para apresentar a minha trajetória escolar e acadêmica e os modos de resistência à violência interseccionada pela sexualidade racialidade, peço a Exú, guardião da comunicação, que bafore em meus ouvidos versos encantados que darão carne às memórias que atam o meu enredo, que eu chamo de padê⁷ de lembranças. Este que é quente e frio, como a vida mesmo, e responde pela ambiguidade que sou.

De saída, me apego ao título deste artigo: “Ronkó de ensinanças e outras viadagens: a trajetória pedagógica afro-diaspórica bixa”. Ronkó, no candomblé, é o lugar do mistério. Do encantamento entre dois mundos, físico e metafísico. É o campo do segredo. Do renascimento da vida. Ambiente da transformação. Da aproximação com o universo ancestral. Amparado pela bacia semântica da filosofia afro-brasileira, entendo que cada pedaço da vida-mundo é ronkó. A

³ Segundo Correia (2009, p. 250), é uma expressão polissêmica empregada no candomblé para pedir licença, para pedir permissão para adentrar algum lugar, para pedir desculpa e para agradecer. Aqui ela é utilizada para pedir licença.

⁴ Saudação a Exú. Divindade mensageira que atua entre os cosmos imanente e transcendente. Seu domínio são os caminhos e a encruzilhada. Para os adeptos do culto afro-brasileiro, nada se faz sem sua intercessão. Para maiores informações, ver Silva (2015).

⁵ Saudação a Ogum. Deus da guerra. Guerreiro invencível. As estradas, a caça, o ferro e a tecnologia são os seus domínios. Para saber mais, conferir Correia (2009), Barcellos (2011) e Prandi (2019).

⁶ Saudação a Oxum. Deusa do ouro, da fertilidade, da riqueza, da beleza e das águas doces. Outras peculiaridades estão disponíveis em Lima (2012).

⁷ Desjejum oferecido a Exú antes do início de qualquer tipo de cerimônia religiosa de matriz africana (BARCELLOS, 2011).

educação, por mais colonial que seja, também é ronkó. A minha existência testemunha isso. Como Yangí⁸ renasci na (da) ceifa manuseada pela educação caduca.

Esta textualidade reúne excertos de lembranças do meu processo iniciático pedagógico pelo lixo ocidental. É o testemunho da saga pela sobrevivência em instituições adoecidas pelo parasitismo étnico-sexual. A ideia, aqui, é atender ao chamado da escritora feminista afro-norte-americana Bell Hooks (2015)⁹. E com isso elaborar aquilo que durante décadas ficou destinado à poeira do tempo, sentimentos e ressentimentos que tingem uma caminhada formativa e que dão a tonalidade do sujeito que me tornei. Entender as cadências dos processos subversivos que experimentei e bolei — sem saber que estava experimentando-as, sem saber que estava bolando-as, sem saber que estava existindo-resistindo, durante as minhas trajetórias escolar e universitária — é vital. É vital porque são marcas identitárias dos saberes das encruzilhadas, riscadas pela navalha do dono das esquinas, que eu chamo aqui de saberes-padilhas preto-diaspóricos, que integram a minha formação.

Esses são elementos indispensáveis para compreensão do que nomeio de pedagogia afro-diaspórica-bixa. Eu a chamo assim porque é um conhecimento negro-gay de afrontamento. É vagabundo e paradoxal porque é performatizado pelo corpo-qualira, forjado nas ruas, nas esquinas da vida-mundo. Isso se deu pelo encontro com mulheres sete-saias. Pela proteção glitterizada praticada pelas bixas. Todas elas que me abraçaram nas encruzilhadas, me acolheram, me afetaram e me ampararam todas as vezes que titubeei no salto. Trata-se de uma pedagogia nascida em resposta ao banzo ocidental branco hétero-patriarcal. Essas são as insígnias que tatuam o meu processo iniciático pela educação colonial. Um processo que é lido nas chaves do

⁸ Yangí, como ensina Rufino (2019, p. 26), é um Exu ancestral. E, como princípio, meio e fim, está em tudo. Sobretudo, na afro-diáspora brasileira, mutilada pela colonização. Nas palavras do autor, “Yangí, o Exu ancestral, está em tudo e, mesmo despedaçado, se levanta, se reconstrói e se põe a caminhar.”

⁹ Em um mundo guiado pelo racismo, que tanto desumaniza, de um jeito específico, as personas negras do gênero masculino, pela negação de sua racionalidade, Hooks (2015), no artigo “Escolarizando homens negros”, chama atenção para a importância política da publicização de trajetórias escolares de homens negros. Por isso, no cumprimento dessa chamada, em prol de uma masculinidade negra humanizada e múltipla, é que este texto se impõe.

pretuguês¹⁰ e do portugays¹¹. Se qué me entendê, leitx, dê seus pulos. Corre gira! Sem mais delongas, vamô, ferve, meu amô?

RECOLHIMENTO

Guiado pelo Ferreiro Ogum¹², sentinela da tecnologia, general tenaz, joalheiro de Oxum¹³, guia da minha cabeça, farol fiel de minhas estradas e pelas mãos macias de mel e ouro de Oxum, orixá adjuntó¹⁴, meu kêkê¹⁵, que assopra o foli de Ogum, que seduz o bailado dos eguns¹⁶, palmilhei e contornei obstáculos para chegar até aqui, à escrita desta textualidade. Nasci na margem, no sertão – “nonada” do qual falou Guimarães Rosa (1994, p. 04) – em Goiânia, Goiás. Sou gayaniense. Muito embora tenha residido da infância à juventude em Senador Canedo, cidade situada a 22 km da capital do estado, parte do meu enredo se dá, como legítimo filho de Ogum, pelas estradas: entre Goiânia-GO, Catalão-GO e Brasília-DF — cidades nas quais morei, trabalhei e estudei. Desde o ano de 2019, minha vida ganhou um norte. Bebo as águas dos rios Tocantins, em Cametá-PA, e Acará, em Belém-PA.

¹⁰ Conceito criado pela filósofa, antropóloga e ativista Lélia Gonzalez (2020, p. 90) para designar o modo próprio que a comunidade afro-brasileira recorre à sintaxe colonial. Isso se dá pela substituição do ‘l’ pelo ‘r’. Como exemplo, toma-se o vocábulo ‘flamengo’, manuseado pelxs pretxs como ‘framengo’. Devido à força da operação racial, essa modalidade de uso do vernáculo é suplantada. Paradoxalmente, o tratamento afro-diaspórico dado à língua de Camões está disseminado em toda a cultura brasileira. É o caso do verbo ‘está’, reverberado socialmente como ‘tá’. Esse fato também denota à presença do pretuguês.

¹¹ Léxico semântico empregado no universo LGBTQIA+, inspirado no bajubá/pajubá (complexo de línguas africanas utilizadas no candomblé e que foram apropriadas, inicialmente, pelas travestis e, depois, disseminadas para toda a comunidade gay). Os vocábulos mencionados aqui estão na corporeidade de cada cor que figura o mais cintilante arco-íris. E semantizados em Vip e Libi (s.d.).

¹² Divindade patrona das estradas. Responde pelos elementais ferro e fogo.

¹³ Deusa da riqueza, do amor e da fertilidade. Seu domínio são as águas doces.

¹⁴ Correia (2009, p. 250) explica que adjuntó ou juntó significam segundo santo.

¹⁵ Segundo os mais velhos do terreiro de candomblé que frequento — Ilê Axé Onilewá Azanadô, localizado no município de Aparecida de Goiânia, no estado de Goiás — kêkê significa denço.

¹⁶ São espíritos de sujeitos desencarnados.

Sou abiã¹⁷ de candomblé, negro-gay, filho mais novo de uma mulher negra passadeira de roupas, por quem fui amado e educado, e de um homem negro apenado (in memoriam), com quem convivi até os sete anos de idade. Prossegui com malemolência pela estrada em prol da vida. Não caminhei só, mas acompanhado de uma legião.

A existência negra-gay macumbeira se dá na coletividade, de mãos dadas com xs aliadxs, guerreando sempre pela sobrevivência, como ensinaram Gilberto Gil e Wally Salomão (apud MUNANGA; GOMES, 2006, p. 84): “a felicidade do negro é uma felicidade guerreira”. Guerrear na companhia dxs iguais, como fizeram Zumbi dos Palmares e Dandara para transpor as barreiras da estrada, é a sina do povo negro. É a chama que mantém viva a ancestralidade D’Além Mar.

Aprendi, desde cedo, o ardil negro-bixa da sobrevivência. A esquivar, como Madame Satã, dos desafios. A carnavalizar pelo mundo como Jorge Laffond. E a ser tihoso, mesmo diante dos infortúnios, como Joãozinho da Goméia.

Moldado pelo ethos das camadas populares, eu flexionei, sempre, da infância à maturidade, os verbos trabalho e estudo. Devido às desigualdades interseccionadas pelo gênero, raça, classe e sexualidade, viver é, nas letras pretas gays de James Baldwin (1967, p. 24), compulsoriamente brutal: “Você nasceu numa sociedade que traduzia numa clareza brutal, e no maior número de formas possível, que você era um ser humano sem valor. Não se esperava que aspirasse à perfeição: esperava-se que fizesse as pazes com a mediocridade.” Eis a sina determinada pelo sistema de poder/saber para a comunidade negra gay.

Pensando nessa perversa estrutura, muitos de nós são retidos nas teias da dominação. Obrigados à execução de estafantes rotinas de trabalho, de baixas remunerações e de condições precárias. Aniquilada, a juventude negra compõe as duras estatísticas de violência e de genocídio. Ou uma minoria, como ocorreu comigo, pela ajuda de muitas mãos, permanece equilibrando o par trabalho e estudo, e, assim, contrariando o imperativo sistêmico do destino brutal.

¹⁷ Pessoa que tem acesso ao cotidiano do candomblé, mas que ainda não foi iniciada na religião (Correia, 2009, p. 250).

Minha mãe carnal, Maria Eunice, é a primeira mestra que as esquinas da vida-mundo me deu. Aquela que veste no primeiro nome a saia das ruas, a de Maria Navalha. É afirmação do sim à vida pelo orgulho e pelo amor a si mesma, tatuados em seu eu, EU-nice. Maria Eunice é o meu orixá. Aquele quem me deu à vida. Mãe solo. ‘Meuri’, ‘Meurinha’, como é chamada na intimidade familiar, é a arte sonora de Exu¹⁸. É o impulso para a fabricação das armas para a guerra, a guerra pela sobrevivência. É a materialização do amor de Oxum. É a peraltice menina com gosto de cocada de Ibeiji¹⁹. É a fúria da búfala. É a sabedoria do baobá. É a fé inabalável da gameleira. É a pacificação de Oxalá²⁰. É o controle, é a justiça e é a soberania de Xangô²¹. É o sabor da vida cozido pelas ayabás²². É o silêncio ancião. É o André que pulsa. As qualidades de minha mãe, e suas limitações também, me trouxeram até aqui. Estas fazem com que eu a ame com uma intensidade madura desmedida. Foi o amor dela por mim e pelo meu irmão que me estimulou a existir com arte. Tudo que sou foi minha òyàmì (mãe), minha Oxum-Mãe, Oxum-Maria, Oxum-EU-nice, quem me deu.

Com ela aprendi a fundir trabalho e estudo. Eis a sina de muitos populares por este mundo a dentro, trabalhar e estudar. Mesmo diante do ódio que o mundo descarregava e ainda descarrega em meu corpo preto-gay, minha mãe é a minha referência primeira de amor, de dignidade, de retidão e de sobrevivência.

Se começo a partilha de minha vida escolar pela inscrição da atividade do trabalho, é porque para negrxs, em um mundo racializado, o estudo é xifópago do trabalho. A minha primeira ocupação profissional foi na feira, na rua, na encruzilhada, no território de Exu. Este que é o dono da palavra, do dinamismo, do barulho, da ética, da sagacidade. Ele riscou meu caminho com navalha. Debulhou prosperidade com farinha. Aqueceu meu odú (destino) com cachaça e dendê. Acalmou o meu ori (cabeça) com mel e água. Sonorizou minha vida com risos, lágrimas e gritaria. Lambuzou minha tez com saliva, suor e esperma. Exu me deu a malemolência e o poder da

¹⁸ Divindade da comunicação, guardião das encruzilhadas. Tem como insígnia o falo.

¹⁹ Correia (2009, p. 17) defini Ibeiji como orixá criança, mensageiro dos orixás.

²⁰ Energia sagrada criadora da humanidade. É também guerreiro e guardião da paz.

²¹ Orixá da justiça e do fogo.

²² Deusas femininas.

comunicação necessários para seguir. Ogum abriu minhas estradas, confiou estratégias e me ensinou, com paciência e amor, a me manter em alerta, rumo à vitória pela batalha da sobrevivência. E Oxum, ah Oxum... me ensinou a enxergar a dádiva da vida com afeto, com beleza, com encanto. É no axé de Oxum que descansa a minha melhor arma, a perspicácia amorosa pelo diálogo, para o contorno dos obstáculos rumo ao bem-viver. Eu cresci tendo em mãos este desafio: a conciliação do trabalho e dos estudos sendo negro-gay. Dos dez aos dezessete anos de idade, nos finais de semana, na banca de alimentação de minha Madrinha Zulmira, irmã de mãinha, que fornecia, aos domingos, dois pratos típicos da culinária goiana: galinhada (arroz com galinha) e arroz com pequi, ocupei o meu primeiro ofício: o de feirante. Eu ajudava a Madrinha a vender refeições em um tradicional comércio popular de Goiânia, a Feira Hippie.

Desde quinta-feira, ocupava-me do planejamento para execução das refeições no domingo. Ajudava a Madrinha, tal como Exu ajudou Oxalá na criação do universo. Ia às ruas para pechinchar em supermercados, ingredientes para o preparo e venda do almoço. Devido à qualidade do produto oferecido à clientela, acrescido dos carismas meu e da Madrinha, era comum o retorno das pessoas da região, e de fora também, à banca de comida. O intento delas era, além de saborear as iguarias, usufruírem do atendimento cortês e extrovertido do infante que, devido a esses predicados, arrecadava elogios, frutos do axé de Oxum (brilho, doçura e magia pela comida e pela acolhida da freguesia). Em troca, os clientes tributavam fidelidade ao comércio familiar e, em alguns casos, gorjetas e presentes.

Minha Madrinha Zulmira era uma boa comerciante. Estampava o mais solar dos sorrisos, presenteando a todxs com a mais fina delicadeza. Com essa vivência, recebi o seu axé, a gentileza. E não só isso. Com a Madrinha, aprendi a identificar em mim talentos os quais eu não sabia que tinha, a comunicação afetuosa. Por isso, sou grato a ela pela primeira oportunidade profissional confiada e pela identificação de qualidades que eu não sabia que as tinha. Em um mundo hostil a homens negros gays, tê-la como segunda mãe é uma dádiva de Oxum. Madrinha Zulmira é a segunda mestra talhada na arte da padilhagem que as ruas me deram de presente.

Como ensina o candomblé, tudo na vida é meio a meio. Explico. Com os mais velhxs do terreiro, aprendi que se você dá algo para alguém, você recebe algo de volta. Não

necessariamente desse alguém beneficiado, mas pode ocorrer que seja de outro sujeito, em um momento de descuido. Com isso, quero dizer que ensino e aprendizagem são dialéticos. E o povo preto, mais do que qualquer outra etnia, sabe bem o que é isso.

Lembro que em nossa família havia uma percepção de que a Madrinha Zulmira tinha uma caligrafia feia, desengonçada. E por isso era motivo de troça de todxs. Eu que, na época, estava amargando a repetência da terceira série da primeira fase do ensino fundamental, devido ao insucesso com os signos matemáticos, e por ter tido, no passado, letra grande, fora da norma de alfabetização, era visto como a personificação do quarto de despejo do fracasso escolar, orientado pela pedagogia colonial. Não bastava ser gay, tinha que ser burro, alguns diziam, outros pensavam. Por isso, eu também era alvo dos chistes da família. Eu e Madrinha Zulmira, nesse sentido, éramos dois párias.

Vou dividir um laruê (fofoca) afetivo. Certo dia, estava na casa dela fazendo a lição de casa. A Dinda passou, sentou perto de mim, furtou um pedaço de papel, uma caneta e, com timidez e discreta coragem, partilhou seu segredo: a tão comentada caligrafia. Assinou seu nome completo para mim. Eu, movido pelo axé de minha Ayabá, disse:

[Autor]: “Agora escreva seu nome com amor, com capricho. Para isso, segure a caneta com amor. Escreva com amor, Tia Zulmira (é assim que eu a chamo)”. (informação verbal)²³.

E como o Velho Obaluaiê - orixá que cura às doenças, que é representado coberto de palhas secas, mas que esconde debaixo delas a figura de um homem formoso, um dos mais bonitos e poderosos do panteão afro-brasileiro - vi uma transição, de uma letra desajeitada para uma linda grafia. Foi um momento bonito entre a gente. Minha Madrinha se fez em felicidade. E eu também. Acho que, de fato, a mais terna alegria se ergue na coletividade. E nós, negrxs, sabemos bem o significado disso.

Enquanto criança preta-gay, uma das minhas alegrias era estar com minhas tias e minha mãe. Adorava escutar suas conversas. Ouví-las xoxando²⁴ situações, patroas e a vida que

²³ Reprodução de fala do autor em conversa com sua madrinha Zulmira.

²⁴ Expressão do portugays que expressa, de acordo com Vip e Libi (s.d., p. 138), comentário maldoso de algo, alguém ou situação. Exercício de deboche ou menosprezo.

levavam. Discorrendo, de modo altivo, sobre si mesmas. Tudo que tocavam, reluzia. Para o meu ori, tratava-se de mulheres encantadas. Eu as via sendo, existindo, e tinha vontade de ser como elas. A magia e o mistério das ayabás, presente no axé das mulheres de minha família, sempre me despertou a alegria de viver em um mundo que me rejeitava. Não que essas mulheres também não me rejeitassem relativamente, devido à divergência de minha performance de gênero, que, na visão delas e das demais pessoas, não se encaixava na anatomia do meu corpo. Mas, ainda assim, entre elas, eu me sentia acolhido. Elas me afetavam de modo positivo. Delas recebia afeto. Havia também, de minha parte, uma identificação apaixonada com o universo feminino. Daí o sentimento de pertencimento que me habitava.

Já em relação aos homens (irmão, tios, primos, vizinhos e colegas de escola) eu os via com dor. Desejava me manter distante deles. Homens com os quais eu não me identificava. Tinham prazer de me submeter a rituais violentos de iniciação à masculinidade²⁵. Mesmo com voz aguda, tinha que forçar uma fala grave. Mesmo gostando de voleibol, de dança e de moda, tinha que expressar apreço pelo futebol e sua cultura (nomes de jogadores, times, campeonatos, ódio por times rivais). Mesmo fascinado por filmes de romance e personagens de animação femininos, tinha que simular gosto por filmes de ação e pelos personagens masculinos, viris. Caso houvesse recusa à masculinidade branca patriarcal imperialista, eu era castigado simbólica e fisicamente. E por isso, em relação a esses homens, com quem eu convivi, sentia medo deles. Medo de suas companhias. Medo de ser como eles. Sentia medo porque era violentado por esses rituais de inserção compulsória no universo masculino. Essas presenças não me afetavam, positivamente falando. Isto é, não me inspiravam.

As referências positivas de masculinidade que me atravessaram conheci posteriormente, já adulto. Destaco a cantora sapatão Cássia Eller, que performou, nas cenas pública e privada, uma identidade masculina. Como eu adoro a arte e a malandragem de Cássia. Como elas me enrabaram a ponto de eu desejar ser homem, como Cássia um dia foi. No campo religioso, destaco a valentia de Ogum, que conheci por meio das andanças pelo terreiro de

²⁵ A filósofa Elisabeth Badinter (1993) tematiza a especificidade dessa violência praticada pelo masculino. Para mais informações, conferir XY: sobre a identidade masculina.

candomblé Onilewá. Ele, com sua sabedoria e coragem, me ensina a ser justo, leal, amoroso e pacífico em prol das vitórias do cotidiano. Tudo isso sem me apartar das potencialidades e das fragilidades humanas que me constituem, em sintonia com o bailado sideral feminino. O axé de Ogum faz de mim a Bixa Preta que me tornei.²⁶

Excetuando a energia de Ogum, santo oboró (masculino), nota-se a forte influência das ayabás na moldura de minha subjetividade. É o feminino, tão odiado pelo ordenamento social branco patriarcal imperialista, quem me dá sustentação. É a Oxum que me habita vibrando em cada mulher com quem convivi e ainda hoje convivo na vida adulta. Sem dúvida, foram elas que me marcaram com seu poderoso ofó (encanto) pela vida.

Voltando ao desafio de conciliar, ainda na infância, trabalho e estudos, a semana era dedicada à formação básica. Quando aluno da primeira fase do ensino fundamental, demonstrei pendor pelos estudos, sobretudo, pelas disciplinas de humanidades. Entrava em transe, no terreiro da memória, durante as aulas de História. Brincava de oleiro, nas aulas de Português, esculpindo vasos de palavras, preenchendo-os com lembranças de tempos de outrora e com experiências inventadas.

Como uma criança negra-gay, não me encaixei na normativa disciplinar de gênero que pairava na família e na escola. Adorava cantar, dançar e desfrutar da amizade com as colegas de escola, parceiras de felicidade. Essas faziam à Ana Cláudia²⁷. Como o meu corpo não se adaptava na expectativa social de gênero, fui acolhido pelas meninas da escola e por aquelas que moravam perto da minha casa. Era, mais uma vez, o mistério das ayabás embelezando os meus dias de outono pelo mundo.

Certo dia, quando eu tinha dez anos de idade, percebi que gostava de falar em público. Fazia isso porque era rejeitado. Ansiava por aceitação, tinha fome de afeto. Por isso, alimentei a ilusão que fazendo bafos²⁸ as pessoas, por instantes, esqueceriam que eu era negro-gay. Acre

²⁶ Outras personas masculinas afetaram, de um modo próprio, minhas vivências afro-diaspórica gays. Esse aspecto está contemplado na seção “Soltando o ilá”.

²⁷ São mulheres, heterossexuais, que gostam de conviver com gays, Vip e Lipi (s.d., p. 19).

²⁸ Trata-se de um adjetivo, que diz respeito à bixa que gosta de causar, fazer bafão, Vip e Lipi (s.d., p. 25).

engano. Destampeei a falar, a sorrir, a chamar atenção dos meus colegas. E isso incomodou a professora.

Ela, afeita na doutrina do vigiar e punir, se vingou do incômodo. Disse, em um tom e com termos que conhecia bem por outras pessoas, que eu parecia uma bicha²⁹ louca agindo daquele jeito. Triste fim da Policarpa Quaresma! Um silêncio irrompe. Naquele momento, morri por dentro. Lembro, vagamente, que esse episódio serviu de alimento para os meninos, colegas de classe. Estes, adoecidos pela homofobia, passaram a despejar em mim o mesmo tratamento dado pela professora. Afinal, se a líder podia me humilhar chamando-me de bicha louca, eles também podiam. E assim fizeram.

Hoje, após o incidente homofóbico em um dos ambientes educacionais que frequentei, me pergunto: como sobrevivi àquilo? Hoje entendo que a violência praticada pelos meus colegas não me afetou. Era como se eu estivesse imune a ela. Mas, sem dúvida, me marcou a fala, à queima roupas, disparada pela professora. Isso se deu por conta do lugar especial que as mulheres ocupam em minha biografia. Destaque para o lugar que dei à mestra em pauta, pessoa quem eu imitava a letra e os modos de ser, quando fui seu aluno. O caminho eleito por ela, de natureza homofóbica, para coibir a minha indisciplina em sala, não foi educativo. E a pergunta trazida no início deste parágrafo ainda ecoa: como sobrevivi àquilo?

Talvez eu tenha sobrevivido a esse e a tantos outros horrores não escritos aqui, de natureza lgbtqia+fóbica, porque, como lembrou o escritor Itamar Vieira Junior (2019, p. 262), “sobre a terra a de viver sempre o mais forte.” Em meio à tanta violência interseccionada, teria sido eu, quiçá nós, em algum momento, um dos mais fortes? Possivelmente, sim. Somos fortes. Permita-me explicar de onde vem essa afirmação. Se é verdade que LGBTQIA+ e fita crepe têm em todos os espaços e temporalidades e que negrxs reiventaram a vida na diáspora e por isso ainda estamos aqui, então, sim, vivo porque sou forte. Vivo porque a vida pretagay é coletiva. Ainda vivo porque nunca andei só pela mata escura. Logo, somos fortes.

²⁹ O vocábulo “bicha” foi grafado com ‘ch’ para aludir à denominação anti-política, utilizada por sujeitos lgbtqia+fóbicos, destinada à humilhação, à violência simbólica de pessoas que destoam da héteronormatividade. Uma pessoa que, no caso em pauta, era apenas uma criança.

Recordo que, no final do ano, a turma foi brincar de amigo secreto. E, por ironia do destino, a professora lgbtqia+fóbica saiu comigo. Tentando se desculpar, afinal ela sabia bem o que tinha feito, me deu uma maçã (em processo sutil de perecimento), uma barra de chocolates e um saudoso abraço, talvez como pedido de desculpas. Como o corpo fala, fiquei com a leitura: um abraço como reparação. E a maçã em leve processo de perecimento, como lê-la? Talvez ela não tenha notado. Digo isso por conta do cálido abraço. Mas, como disse um poeta, nada do que é humano me espanta. Eu não me espantaria caso a fruta em processo inicial de apodrecimento, oferecida para o aluno preto-gay da turma, ocultasse sub-textos. Essa lembrança do ocorrido com a mestra ficou perdida em mim. De algum modo, as águas de Oxum soterram isso no mais profundo rio. No lugar dessa memória, transgredi, como Exu, e rendi flores, as flores de Oxum³⁰.

A astúcia de Seu Zé Pilintra, um dos caminhos de Exu, dono da ginga, do samba, da marotagem, amparou meu pranto. Apesar da maldade dos frequentadores da educação institucionalizada, as flores de Oxum me impulsionaram a permanecer na educação escolar. Explico também. Sempre gostei de dançar. Do pagode baiano e paulista, que emergiram nos anos 1990, aos hits tocados e coreografados pela Rainha dos Baixinhos, Xuxa. Eu ensaiava as músicas para apresentá-las, com as Anas Cláudias, nos momentos festivos da escola. Fazia tudo isso em segredo. Minha mãe e meu irmão não sabiam. Estes tentavam, sem sucesso, disciplinar meu corpo no gênero biológico.

Quando passei a repetir a terceira série, da primeira fase do ensino fundamental, devido à reprovação em Matemática, minha mãe colocou eu e o meu irmão em turnos opostos. Ela acreditou que o fato de eu ter que acordar cedo para estudar trouxe à reprovação. Por isso, meu irmão permaneceu estudando no período matutino e eu fui migrado para o vespertino. Sem ninguém da família para me vigiar e punir se eu estava me “portando como homem” na escola, os estudos no vespertino foram meu carnaval. Eis aí, além do amor das águas doces para os estudos,

³⁰ As flores de Oxum que ofereci, naquela circunstância, foi a dança. Mas não somente dança é domínio de Oxum. A música também é. Esses são axés das águas que me adoçam. Como ensinou Mãe Zulmira, no disco Maçalê (2010), do cantor baiano Tiganá Santana, Oxum é a dona da música. De posse dessa sabedoria do terreiro, hoje entendo porque cursei, no passado recente, entre os anos de 2012-2016, o doutorado em literatura, no Programa de Pós-Graduação em Literatura, da Universidade de Brasília. Estudei a lírica amorosa do cancionista Oswaldo Montenegro. Tomei a canção amorosa, como campo de análise, por conta da influência de Oxum. Oxum é música. Oxum é amor. Oxum é poesia. Ore yê yê ô!

expresso na vivência com a Madrinha e no modo como me dediquei à educação, outra expressão da pedagogia afro-diaspórica bixa. Uma pedagogia feita pelo (no) corpo. Resisti como Exu e bailei como Oxum.

Durante as apresentações culturais escolares que performei, era recorrente os gritos dos meninos: “tira essa Bicha Preta daí, deixa só as meninas”. Eu ignorava e, ao meu modo, bem Exu, bem pilintra, padilhava, gargalhava, dançava, cintilava no palco da escola. Resistia pela corporeidade preta-gay. E encantava a plateia feminina como Oxum encantou um dia Ogum com sua dança de mel, sedução e amor. Era como se meu espírito estivesse blindado pelo suco da Rainha Amorosa contra o horror daquela violência que eu era subordinado. Era como se eu flutuasse, sob as águas, a cada dança encenada. Sem a intervenção pedagógica de um educadrx comprometidrx com a formação humana integral do sujeito, eu contava apenas com o meu próprio axé para resistir. E resisti. Graças a Exu e a Oxum. Tanto que tô aqui, contando procê, leitx, esse babado (acontecimento).

Dito de outro modo, como um sujeito feito pela macumba, movimentado por Exu, amado e protegido por Ogum e Oxum, que me presentearam com as estética e ética da resistência, mesmo pisando delicadamente nas brasas da homofobia, mantive-me de pé, direcionado pelo som do ijexá³¹. Era Seu Zé Pilintra movimentando meu corpo. Era Ogumm me apontando a direção. Era Oxum amparando o pranto e repicando meus pés. Por isso, eu aparecia em público dançando, requebrando as cadeiras.

A dança é um dos meus segredos que a ancestralidade preta me deu de presente. Desde criança, percebi que o meu corpo respondia ao som do pandeiro e do atabaque. Se envolvia com as poéticas negras. A mesma escola que fora palco da humilhação cusvida pela professora, foi a mesma que, mais tarde, ofereci flores, as flores de Oxum, à dança. Dancei a canção “Jogo da Rima”, interpretada pela Xuxa, para um público controverso. Poucos meninos se entregaram ao clima festivo daquele evento, seguido de uma maioria feminina. Entre ofensas do público masculino, eu dançava. Eu só queria brilhar no palco. Eu só queria, parafraseando o poeta Dú Oliveira (2016), oxulinear. E por isso, assim como minha mãe Oxum, brilhei, não liguei para a

³¹ Segundo Correia (2009, p. 253), é o toque e/ou ritmo atribuído para Oxum.

homofobia escarrada por aquela gente careta e covarde. Se Oxum guiava o remelexo de minhas cadeiras, Ogum guardava-as. Sobre o assunto, quem firma o golpe é Jorge Ben, com sua “Oração a São Jorge”, cantada pelo sambista Zeca Pagodinho (2018). Sincretizado no Brasil com a divindade do panteão africano Ogum, Ben e Pagodinho disseram: “facas e lanças se quebrem sem o meu corpo tocar”. Era assim que eu me sentia naquele instante, intocável pelos ataques dos milicianos da hétero-normatividade. Aquela maldade não me paralisou. Não atrasou a jornada de quem nasceu para vencer.

A partir dali, em quase todas as apresentações culturais, nas palavras do antropólogo Alex Ratts (2018), o meu “corpo-espaço” estava em cena. Esse foi o alimento que me ajudou a ter prazer de frequentar aquela esfera tão paradoxal, marcada pela dor, pela resistência e pela arte. Hoje, como adulto, observo que esta, a resistência, sempre foi a minha fonte de alegria e de estratégia na escola. Eis aí outras marcas da forte presença de Ogum em meu caminho. Se me ofendiam, eu respondia com o corpo. Se eram homofóbicos, eu requebrava. Se me atacavam, eu dançava. Tal como Oxum que, segundo o itan, foi recebida no palácio de Obá com um requintado tapete de brasas e nele pisou, delicadamente, cada perímetro de sua ardente superfície sem se furtar do seu destino, eu fiz o mesmo, de forma dançante e macia. Transformei em arte o quebranto lgbtfóbico imposto à minha criança. Eis aí as minhas estética e ética da resistência afro-diaspóricas bixas, que tonificam a minha trajetória escolar. São elas que dão carne à pedagogia afro-diaspórica bixa. Uma contra-proposta pedagógica performatizada pelo corpo negro-gay, da diáspora, como resistência a um mundo que nega corporeidades subalternas. Essas são, dizendo em uma linguagem macumbística, expressões de cura, gestadas na mais pura seiva do líquido amniótico, no ronkó pedagógico, durante o recolhimento formativo, dadas pelos orixás, durante à minha feitura na escola-mundo. Tá, querida?

FEITURA

Se há uma contra-pedagogia, que chamo aqui de pedagogia afro-diaspórica bixa, essa se dá nos corpos dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Como pretx não anda sozinho, tive a sorte ter como parceirxs professorxs que seguraram minhas mãos e me

conduziram a lugares seguros. Dito de outro modo, porque tudo que é odara (belo) merece reverberação, a regência do magistério daquels que movimentam outras ensinanças — lidxs aqui como contra-professorxs, pois se opuseram à estrutura posta para exterminar corpos como o meu — salvaram-me. Xs contra-professorxs que as encruzilhadas trouxeram para enfeitar o meu caminho foram acalanto naquele tempo. Xs contra-professorxs aliviaram o tormento provocado pelos algozes que, desde criança, tive que aprender a suportar. Eram educadorxs vestidxs da regência do magistério que preservaram os mistérios que me constituem. Mestrxs que avivaram e protegeram o que há de melhor em mim: o amor pela vida e o amor próprio na relação com o estranho mundo. O gosto pelos estudos. A admiração por cada centelha que compõe a poética do espaço. Tudo isso eu tive acesso pelo axé das yalodês³² das ensinanças.

Nesse sentido, é inevitável a lembrança da professora Maria Borges. Uma senhora idosa, melanodérmica, perto da aposentadoria, que fazia muito bem o seu ofício. Sábia como um baobá. Profunda como as águas dos rios. Severa como Ogum. Exigente como o rei de Oyó. Tive a honra de ser seu aluno, no segundo semestre, no período vespertino, quando repeti a terceira série do ensino fundamental um. Estava amargo com os estudos, buscando conviver com as cicatrizes da reprovação escolar, em um mundo eivado de circunstâncias malfazejas. Eis que encontrei a professora Maria Borges. Requeria que cada aluno/a/x entregasse o seu melhor. Copiássemos sua letra. Espelhássemos sua organização. Cumpríssemos o mais respeitoso silêncio em sala. Em troca, recebíamos uma Entidade-Professora. Em troca, navegávamos por suas ensinanças. Em troca, nos lambuzávamos com um afeto peculiar. Maria Borges me devolveu o gosto pelos estudos. Com ela, recuperei a minha autoestima, que até então andava lânguida. Com Maria Borges, vi que eu sabia matemática e outras linguagens. Com Maria Borges, pela primeira vez, senti que eu era inteligente, capaz, apto aos estudos. Bastava ficar atento às suas aulas e pronto! A operação do conhecimento está consolidada. O aprendizado, sob a sua regência,

³² É um cargo atribuído às mulheres dentro do culto afro-brasileiro. Significa também aquela que lidera o poder feminino. E, por último, conota àquela que é representante das mulheres em seus interesses.

parecia fácil, gostoso como o mel de Oxum. Com Maria Borges, visitei lugares alhures, pois ela era uma griot³³.

Como tudo isso foi possível? Ora, foi possível porque Maria Borges fazia tudo com amor. Essa é a chave para eu bolar no santo das ensinanças. Toda e qualquer ação amorosa me coloca em transe. Sou de Oxum, por isso, sou movido pelo amor. Como sou grato à vida pelo presente de ter sido aluno de uma mulher que leva em seu nome o mesmo do poeta argentino, Borges, Jorge Luís Borges. Talvez por isso, Maria Borges seja uma bruxa da linguagem, dona da palavra, do verso. Talvez por isso que Maria Borges seja Exu. Maria Borges é uma operária do ensino que traz em seu nome o estrondo das ruas, os feitiços da padilhagem. Maria Borges, Maria Padilha. Maria Borges foi minha Maria Padilha. Ouço sua gargalhada-canção. São as ensinanças movimentando o meu coração.

Não só a linguagem das humanidades me arrebataram. A das exatas também. O professor Lucena deu continuidade ao legado iniciado pela eterna mestra Maria Borges. Lucena era negro-gay. O primeiro professor que tive que, assumidamente, esposou tais identidades. O encanto das ayabás e a bravura de Ogum se impuseram em meu caminho pela sua corporeidade. Lucena não só fortaleceu a minha autoestima pelo aprendizado dos códigos matemáticos, algo importante para nós, homens negros, continuamente desumanizados pela pecha da irracionalidade racial. Lucena foi também passarinho. Ensinou-me a voar por horizontes desconhecidos: o significado político da acolhida exercida pelo nosso coletivo. E por isso foi de passarinho a leão, defendeu os seus, no caso eu, do mal homofóbico à espreita. Tudo isso eu aprendi com ele. Por isso Lucena fez jus à alcunha de Mestre Cambono³⁴. Ele me afetou com sua coragem protetora ao ser afetado pela minha realidade, na qual uma vida preta-gay juvenil quase levou coió (surra). Vamos ao babado?

³³ “Os Griots são contadores de história africanos. São os responsáveis pela transmissão do conhecimento dos antepassados para as novas gerações. São tradicionalistas, expressam-se através de crônicas, armam genealogias e são incumbidos de transmitir oralmente a tradição histórica.” (OLIVEIRA, 2006, p. 50).

³⁴ O cambono ajuda no cotidiano do terreiro de candomblé e umbanda. Do varrer o chão à tradução das consultas espirituais, de tudo ele/a/x faz. “O cambono é aquele que se permite afetar pelo outro e atua em função do outro.” (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 37). A partir das vivências pelo sagrado de origem negra, o cambono é uma metáfora macumbística, criada pelos autores citados, para designar o modo próprio como se ergue a alteridade pedagógica na afro-diáspora. Apoio-me nela para pensar a dialética ensino/aprendizagem no cotidiano preto-gay.

Estava na sétima série, no turno matutino, na segunda fase do ensino fundamental. Eu era amigo de uma amapoa (mulher) não-negra, cujo nome era Vanessa. Partilhávamos de um cotidiano, típico da idade, que deu sustentação a uma breve amizade. Vivíamos entre risos soltos. Conversas leves. Começávamos juntos a fazer a lição em sala. Terminávamos no mesmo instante também. Trocávamos corretivos, borrachas, lápis, lapiseiras e canetas. Entre nós, imperava uma cumplicidade gratuita. Mas a vida me ensinou que existem vivências, como a etnia e a sexualidade subalternas, que não são compartilhadas, tais como um dia foram os materiais escolares.

Certo dia, trocamos o número de telefone. Naquele tempo, nos anos 1990, os diálogos eram mediados pelos fones residenciais. Como eu havia faltado à aula e era comprometido com minha formação, liguei para ela, logo no início da tarde, para saber da agenda de estudos transcorrida no contraturno e para informá-la dos motivos de minha ausência. Liguei para conversar com a jovem que julguei ser minha amiga. Lembro-me que seu pai estava em casa. Este era adoecido pelo modelo de masculinidade tóxica, autoritário, incapaz de se vincular de modo dialógico, saudável, carinhoso, maduro e honesto com a jovem em construção. Por isso, se apegava ao controle violento simbólico da filha. Ele atendeu glacialmente à ligação ao perceber que era um jovem do outro lado da linha. E foi ao seu encontro para dizer do telefonema. Mas antes, a indagou de modo inquisitório:

[Autor]: “Quem é no telefone? Com quem vai conversar?” (informação verbal)³⁵.

Eu, na outra ponta, enquanto esperava por Vanessa, acompanhava a evolução do diálogo deles. Ela, sem constrangimento, disse, com fina ironia, a fim de se livrar do patrulhamento doentio do pai:

[Vanessa]: “É com um ‘gayzinho da escola’”. (informação verbal)³⁵.

Aquilo me atravessou como punhal de prata. Atravessou porque eu não sabia lidar com a minha performance de gênero de natureza afeminada. Por isso, eu tentava esconder, no armário, o que não se podia ocultar. Fiquei magoado comigo, porque compreendi que o esforço de silenciamento, de uma importante parte minha, foi inútil. Fiquei magoado com a minha amiga

³⁵ Reprodução de conversa por telefone entre o autor e sua amiga Vanessa na década de 1990.

branca porque ela me retirou, à força, do armário que nunca me abrigou. Entendi que jamais estive escondido. Uma amiga que eu via como irmã me fez enxergar isso de forma dolorosa. Doeu porque eu sabia o que significava aquele tratamento, “Gayzinho da Escola”. Significava rejeição, discriminação, violência.

Devido à homofobia de Vanessa, nossa amizade chegou ao fim. Este é comum em qualquer relacionamento humanizado. Mas não para negros-gays. Afinal, a vida do Preto-Gay não é fácil. Vanessa não queria boca torta.

Leonardo, um colega de escola do ensino médio, interessado eroticamente na jovem branca, tomou para si o rancor de Vanessa e passou a me perseguir como punição pelo término da amizade com garota de sua estima. Todos os dias, durante à recreação e no término das aulas, ele me violentava simbolicamente. O gozo de Leonardo era humilhar a bichinha da escola. O riso dos outros e da própria ex-amiga se deu pela perseguição ao “gayzinho da escola”. Esse era o ardiloso plano de Leonardo para tê-la em seus braços. Ou seja, às custas do rebaixamento moral e existencial da Biba (homossexual) Preta.

Certo dia, ele fez isso no intervalo de uma aula. Os corredores do colégio estavam tomados de transeuntes durante a troca de horário dxs professorxs. Enquanto aguardávamos tal troca, fora da sala de aula, o Bofe³⁶ passou a me humilhar não só simbolicamente, como era seu costume até então. Mas, naquela vez, resolveu elevar o tom e ameaçou me dá uma surra. Devido ao denso volume de pessoas no corredor, entre inertes, curiosos e coniventes pelo riso, testemunhas do linchamento público do Gayzinho, Leonardo quase me atacou fisicamente. Quase.

Tudo isso eu aguentava quieto, calado, envergonhado. Eu era pequeno, franzino, e o jovem homofóbico, maior e mais forte. Eu não tinha a quem recorrer. Se tentasse reclamar para alguém, como ocorreu no passado, quando denunciei outros casos de violência homofóbica para os adultos das instituições, ouviria que tudo isso era responsabilidade minha. “Culpa” desse meu “jeito” de ser. Por isso, desde cedo, aprendi que as instituições ocidentais não funcionam em prol do bem-viver de pessoas como eu, Pretxs-Gays Pobres.

³⁶ Vip e Libi (s. d., p. 34) definem bofe como homem heterossexual ou gay ativo.

Um breve parêntese para a compreensão do epílogo desse ekê (problema). Todos os dias, a caminho da escola, três esquinas antes de chegar ao destino, eu rezava. A fé era a única arma que tinha em mãos contra a homofobia. Na época, eu era apegado aos signos do cristianismo católico. Rezava a Nossa Senhora Aparecida e a Jesus Cristo. Pedia para que eu tivesse paz na escola. O medo era frequente. Mas também a dor e a raiva. O medo de apanhar. A dor pela perda da amizade. E a raiva pela Vanessa permitir que o Leonardo fizesse aquilo comigo. Raiva por ela ter prazer com aquilo tudo. A raiva me movia. Na verdade, a raiva move a vida. Sobretudo, corpos interseccionados³⁷.

Voltando ao incidente, como já foi dito, no momento da troca de professores, Leonardo, que até então não me ameaçava com violência física, naquele dia, se sentiu confortável para tanto. Não só para ameaçar, mas também para executar, devido à plateia presente no corredor da escola. Estava embevecido do orgulho de macho hétero branco imperialista, cheio de si, pelo feito que estava prestes a realizar, a humilhação do “gayzinho da escola”.

Quando esse momento chegou, ele foi ferozmente interrompido pelo professor Lucena. O único Professor Negro-Gay da Escola, respeitado, Xamã da Matemática, Preto Velho dos Números, cortejado, de modo honrado, por toda a comunidade escolar. Este respondeu com força à violência que me abatia. Lucena foi afetado pela humilhação que me foi imposta. Gritou com o Leonardo, o jovem branco do ensino médio que tentava impressionar à jovem não-preta, Vanessa, e assim tê-la em seus braços. Para isso, como prova de sua paixão, ofereceu à Vanessa a cabeça mais barata do mercado, a minha Cabeça Preta. Repito, a minha Cabeça Preta. Cabeça cujo dono, segundo os mais velhos do terreiro de Candomblé Onilewá Azanadô, é Ogum. Tal orixá, é o que, segundo o itan recuperado por Pierre Verger (2019, p. 21), tendo água em casa para se lavar, banha-se com sangue. Lucena foi afetado pela violência que viu diante dos seus olhos negros-gays e não se calou. Lucena bravejou com Leonardo indagando:

[Professor Lucena]: “Você é mãe dele? Você é pai dele? Você não é nada do André. Tire imediatamente suas mãos de cima dele. Agora! Vai pra sua sala, rapaz”. (informação verbal)³⁸.

³⁷ A raiva nos impulsiona. Meditei sobre o tema em outra textualidade (FILGUEIRA, 2021, p. 18-44).

³⁸ Reprodução da fala de Lucena, professor do Ensino Médio do autor, na década de 1990.

Disse Lucena, aos gritos, aplicando um severo corretivo no adolescente homofóbico.

Leonardo, branco como leite, ficou vermelho, como colorau. Saiu envergonhado devido à repreensão imposta pelo Professor de Matemática Negro-Gay. Vi Leonardo refazer o caminho de volta para a sua sala de aula. Ele, que chegou atento ao horizonte, saiu medindo o chão encerado da escola, apagado pelos rastros de tênis. Apagado como Leonardo. Por algum motivo, em instantes, vi aquele jovem heterossexual branco patriarcal imperialista, altivo, derramando cólera, disposto a limpar a paisagem da escola pelo extermínio da bicha preta, se converter em um jovem fino, baixo, murcho, pálido, humilhado diante dos seus por uma Bixa Preta Professora. Leonardo, que só entendia a linguagem do poder, foi reconduzido para o seu lugar pela autoridade emanada do corpo do Professor Lucena.

Assim, vi Leonardo regressar para o seu campo de aprendizagem. A plateia se desfez. Esta, nenhuma palavra deu. E nos corredores, forrados com uma reprodução ordinária de azulejos portugueses, só se ouvia o ruído do vento de lansã³⁹. Era Oyá varrendo o dendê derramado por Ogum e por Oxum para me acudir. Era Oyá em movimento TRANS-formando aquele canto da vida-mundo. Dizendo em bom pretuguês, era Oyá oiando por mim.

Leonardo nunca mais me dirigiu a palavra. Vanessa também não. E assim a minha paz foi restaurada. A justiça do Ferreiro e da Dourada Rainha se fizeram.

Minhas orações foram atendidas. Ogum, a força da valentia, materializada no professor Lucena, me livrou de todo o pranto que o Leonardo me trouxera até ali. O axé de Ogum sempre comigo. Axé que chamei, naquele momento, de Jesus Cristo. O amor de Oxum suplicado em orações a Nossa Senhora Aparecida, aos soluços, nas esquinas, veio em meu socorro. Oxum, que ganha uma guerra sem levantar armas.

Lucena, aquele que foi tocado pela minha dô e que me tocô com sua bravura. Ô, meu sinhô! Lucena, o meu mestre, com sua corporeidade negra-gay, veio atendê ao chamado do povo de rua que invoquei, entre esquinas, em prol da corporeidade Afro-Diaspórica Teen Gay. Lucena resgatou a minha paz. Ê, ê, viva meu Mestre Cambono, camarada!

³⁹ lansã e Oyá são os nomes pelos quais respondem à divindade afro-brasileira dona dos raios, dos ventos, do fogo e da transformação.

O segundo trabalho que conciliei, paralelo aos estudos da segunda fase do ensino fundamental, com treze anos de idade, foi o de babá. Auxiliei, durante quase dois anos, a Madrinha Zulmira nos cuidados de sua filha temporã. Harmonizei um período para os estudos, para a bebê e para a feira nos finais de semana. Falando ainda em tempo – esse “senhor tão bonito, tambor de todos os ritmos”, como cantou Caetano Veloso (1979) – devido à sua falta e a nova rotina, fui compelido a residir em Goiânia, no lar da madrinha Zulmira. Afinal, como diz um ditado africano, é necessária uma aldeia inteira para educar uma criança.

Aos dezessete anos de idade e logo após concluir um curso de digitação, em uma pequenina escola de informática, em Senador Canedo-GO, ocupei a vaga de auxiliar de escritório em Goiânia. Esse emprego foi fruto dos diálogos de minha mãe e de madrinha Zulmira com um amigo da família não-negro, proprietário de um modesto escritório de contabilidade. Disposto a galgar outros passos para além da Praça do Trabalhador, local no qual ocorria a Feira Hippie, iniciei, em janeiro do ano 2000, o trabalho no ramo contábil. Labutei, em período integral, e cursei o ensino médio no período noturno. Um desafio ogúnico. Morava longe da escola e do trabalho. Chegava em casa tarde, sempre após a zero hora e acordava às seis horas da manhã. Em dias de tempestades noturnas, minha mãe me buscava, com guarda-chuva, no ponto de ônibus.

Naquele tempo, auxiliava, no intervalo das aulas e nos finais de semana, os colegas de escola com dificuldades de aprendizagem em Matemática e Física. Era o meu jeito de ensinar xs minhx camaradx. Porque – parafraseando Roberto Mendes e Capinam, interpretados por Maria Bethânia (2003) – aprendi a ler para ensinar meus/minhas camaradas.

No entanto, como já acenado, após à superação da reprovação em Matemática na primeira fase do ensino fundamental, testemunhada pelo suporte com os números aos colegas de escola e pelo trabalho no ramo contábil, mesmo apresentando facilidades com os códigos de exatas, meu peito sempre batucou pelas humanidades. Por isso, no ensino médio, já era sabido que o magistério, pelo ensino de História, seria, como cantou Antônio Carlos Jobim e Elis Regina (1974), promessa de vida no meu coração.

No que tange à performance de gênero e à sexualidade, na transição da adolescência para a juventude, o meu corpo experimentou mutações típicas da idade. Passei a ter um timbre de

voz grave, diferente da aguda na infância, encarada como feminina, fonte de violências simbólicas e físicas. Essa mudança vocal veio acompanhada de uma escassa barba. Essas transições físico-biológicas, acrescida das performances de gênero provocadas pelas inserções compulsórias no universo masculino, me levaram ao desempenho social de uma masculinidade hegemônica. Tudo isso, somado à vivência armarizada, criou em mim a doce ilusão de que as pressões da sociedade, em torno da construção do sexo, tiveram sucesso sobre minha corporeidade.

Sou homem heterossexual, pensei naquele momento. Tive algumas poucas namoradas. E experimentei o sabor da aceitação coletiva. O que senti com isso? Senti que não era feliz. Sentia-me uma farsa, comigo e com as jovens com quem convivi. Faltava aquela criança que dançava como resistência/existência. Faltava ainda mais. Carecia dar vazão ao desejo pelo corpo de outro homem roçando no meu. Necessitava de sua saliva me lambuzando de prazer. Faltava neça (pênis) alheia. Padecia da ausência do cheiro do edi (ânus) das bills (gays). Ansiava pelo afeto erótico-masculino. Faltava o André por inteiro. Faltava o André negro-gay. Uma vida pela metade não me atendia.

SOLTANDO O ILÁ⁴⁰

Durante o ensino médio, gozei de uma relativa paz no ambiente escolar. Paz de não ser violentado, agredido, rejeitado por ser um jovem negro-gay. Essa paz veio porque me escondi no barulho do armário sexual racial, daí a relativização dessa paz. A que preço? Automasquei para viver ou fingir que vivia. Pois quando há fuga de si, como já dito, vive-se pela metade. Recorri a essa estratégia até à pós-graduação.

Tirei o banzo sexual racial pela saída do armário com 29 (vinte e nove) anos de idade. Várias pessoas com seus corpos-espacos contribuíram para que eu soltasse o meu ilá: sou preto-gay. Sou o Professor Filgayra.

Entre as personas afro-diaspóricas que me auxiliaram a derrubar as portas do armário que me prendia, destaco à Ceixa Matos, grande amiga musicoterapeuta que me acolheu e

⁴⁰ Sinal que o corpo, que hospeda a energia sagrada do orixá, emite na terra.

estimulou a preciosidade da auto-escuta. Com ela, aprendi a importância da saúde mental para o povo preto. E, no meu caso, para o povo preto-gay. Na caminhada pela orla do mundo, no rastro de Beira Mar, encontrei conchas. Na sonoridade das ondas, entre um manuseio e outro, recebi um tesouro: pérolas étnico-sexuais que compõe o colar de minha existência. A Sereia foi quem me deu. Desde então, passei a usá-lo.

Falando em sair do armário, portanto, em viadagens, tenho outro bafo para dividir com vocês. Trata-se da importância de Jean Wyllys⁴¹ na minha saída do *closet*. Vê-lo, no ano de 2005, na TV aberta, no reality show Big Brother Brasil, foi um marco em minha existência afro-diaspórica-gay. Um homem negro-gay afirmando sua sexualidade, politizado, inteligente, árduo defensor da cultura afro, foi uma libertação pra mim. Isso porque Já - como é chamado pelos íntimos, e neste momento eu juro que sou íntima também, mesmo tendo o visto, pessoalmente, só uma vez, a loka...rs! - foi a primeira gay com quem me identifiquei. Isso se deu pela orientação sexual compartilhada, pelo seu amor pelos estudos, pela sua idolatria pelas artes (sobretudo, pela teledramaturgia, pela literatura e pela música), pela sua visão humanitária do mundo e da vida, pela sua origem social, pelo modo afetivo que se relaciona com sua família carnal, acima de tudo, pelo modo terno como lida com tudo que advém do universo feminino⁴². Eu vi o André em cada pedacinho de Wyllys exibido na TV, na sua obra⁴³ e na cena pública. Obra esta que, desde quando saía um título novo, eu corria às livrarias, adquiria-as e devorava-as com intensidade. Wyllys me arrombou no silêncio do barulho de sua poética gay, atraente, tal como é Odé⁴⁴. Como eu admiro Jean, uma gay humanizada, sensata, trabalhada nos signos ético-estéticos, que passei a carregar na matula.

O professor negro-gay Paulo Petronilio, filho de Oxóssi também, que conheci no ano de 2009, em um curso de especialização *lato sensu*, em língua portuguesa, que fui fazer a fim de superar as minhas limitações de escrita ocidental-colonial. Chegando lá, acabei descolonizando o

⁴¹ Baiano, jornalista, escritor, professor universitário e ex parlamentar com mandato interrompido devido ao fascismo à brasileira em curso, fato que o obrigou a se exilar, devido as constantes ameaças de morte sofridas.

⁴² Seu apreço pelo universo feminino é textualizado na crônica “Mulheres” (2005, p. 39-42).

⁴³ As obras de Wyllys (2001; 2005; 2009; 2014; 2019) que li, e fizeram o meu ori, estão listadas nas referências.

⁴⁴ Odé significa caçador. Este é um dos nomes pelo qual responde Oxóssi. Orixá da fartura, da caça, da prosperidade e irmão de Ogum. Certamente por isso no meu caminho os filhos de Odé sempre estão presentes.

meu ori. Encontrei um homem negro-gay controverso. Peralta na comunicação como Exu. Habilidoso e sorrateiro como Oxóssi. Soberano nas artimanhas do pensamento como o rei de Oyó. Doce e sedutor como a bela Oxum. Seu amor pela filosofia e pela literatura me abalaram. Toda essa alquimia epistêmica - proclamada por um ori odara, que não tem vergonha de ser feliz - me ganhou. E me ensinou, com seu magistério-artístico, que eu poderia me ganhar também.

As mulheres do movimento negro goiano também me encaminharam para essa interpretação. Destaque para as feministas negras. Mulheres como a Professora Janira Sodré Miranda, com quem aprendi a bailar o ijexá. Uma dança ritmada de Oxum, feita a partir da incorporação do autoamor. Com ela aprendi a amar o outro a partir do cultivo do amor próprio. Eis aí o mais doce mel de Oxum. Ela me ensinou a reverenciar o meu corpo-altar retinto qualira. Com ela, eu enegreci. Passei a admirar os signos negros que minha corporeidade carrega.

Entre iniciação científica na graduação ao pós-doutorado, recebi, na condição de acadêmico, doze anos de formação. Pelas encruzilhadas do saber, vivi um turbilhão de experiências. Muitas delas, me renovaram pelo afeto, já outras, pela raiva. É sobre esta última que quero tratar.

Recordo, com nitidez, de uma tarde de outono, em Brasília, que marcou a minha subjetividade. Um docente da pós-graduação quando soube que eu era um negro-gay - cravado nos signos identitários LGBTQIA+, em transe com a negritude, de cabeça feita com um poderoso black power, que abusava de turbantes e de uma estética afrocentrada - ficou, visivelmente, incomodado⁴⁵.

Tal incômodo escorreu para o nosso relacionamento pedagógico. Como se sabe, é comum, na pós-graduação *stricto sensu*, a submissão à sabatina (qualificações, defesas de dissertação de mestrado e de tese de doutorado). Ao término de uma delas, conduzida pelo referido docente, após à proclamação do resultado, que trazia a boa nova de minha aprovação, expressei a felicidade como gay. Com a boca escancarada, cheia de dentes, bradei uma frase colorida para celebrar, junto dxs meus/minhas amigxs, o momento em que o filho mais novo de

⁴⁵ Uma leitura filosófica dessa memória, pelo paradigma da raiva, de Ogum, está disponível em Filgueira (2021, p. 26-34).

uma passadeira de roupas e de um ex presidiário obteve êxito em mais uma etapa da exigente e excludente vida universitária:

[Autor]: “ Sou uma Bixa Qualificada!”(informação verbal)⁴⁶.

Eu disse isso porque estava feliz. Porque, na pós-graduação, decidi que queria viver de modo integral saindo do armário sexual racial, influenciado pela militância preta-gay e pelo acompanhamento psíquico-terapêutico. Àquela frase dita em público era o meu carnaval, era minha encruzilhada, o meu patuá o qual não estava disposto a abrir mão.

O docente não se conteve e disparou, à queima-roupa, rangendo os dentes, uma frase de reprovação à celebração arco-íris:

[Docente] Bixa, não, André. Você é um Pós-Graduando Qualificado. (informação verbal)⁴⁶.

O emprego do masculino, na frase acima, foi uma tentativa de enquadrar o meu corpo abjeto nas fronteiras de gênero que eu, assim como Exu, bem pelintra, transgredi. Uma tática comum em um ordenamento sócio-racial ditado pelo sexo rei.

Como se sabe, os discursos voltados ao disciplinamento dos corpos dissonantes à sinfonia sexual vigente, operam de modo sistêmico. Por isso, nem um lugar está a salvo de sua ação nefasta. Fato similar ocorreu comigo naquele momento, uma tentativa de recondução, em público, para o armário, lugar que demorei anos para sair.

A minha reação imediata ao ataque simbólico-violento do docente foi de raiva. Uma raiva contida porque eu não pude reagir à altura por estar subordinado à hierarquia acadêmica, que pesou sobre minha corporeidade negra gay. Passei anos remoendo aquilo. Aos poucos, com o suporte terapêutico, com a escuta afetiva de minhas amigas e munido da colheita dos saberes das encruzilhadas, emanado do movimento negro de base acadêmica e pelo candomblé, consegui elaborar a violência simbólica imposta por aquela tarde sobre o meu corpo. Fazê-la de escudo e espada. Nas encruzilhadas, me refugiei nos escritos luminosos de Audre Lorde (2019). E no

⁴⁶ Reprodução de falas do autor e de seu professor de pós-graduação.

terreiro, forjei a espada, no puro aço, afiada por Ogum, para seguir adiante. E assim fazer do magistério, do meu magistério, um lugar de inclusão e acolhida para todos os corpos.

TIRANDO O KELÊ⁴⁷

Eis as marcas que fazem parte do que eu sou agora, que me ensinam a me virar e me manter de pé, vivo, no compasso. Mesmo frequentando instituições escolares e acadêmicas que me diziam “não”, prossegui. Dei close. Com o auxílio das mãos amigas, de posse de minha corporeidade negra-purpurinada, cumpri o rito iniciático pedagógico. E, assim, me doutorei. Eu venci? Não. Nós vencemos. Sou preto-gay, somos ubuntu! De punhos cerrados e olhos abertos, a nossa luta é diária e coletiva por instituições escolares e acadêmicas vestidas com a bandeira do arco-íris.

Hoje, ao olhar para trás, vejo que aprendi a superar o que foi preciso ser superado. E a conviver, a cada dia, com o que não se apaga. Vejo, com alegria, a estrada que percorri e ainda percorro. Por isso, trago na boca um gosto, uma saudade, do infante viado negro que fui e ainda sou, junto ao adulto bixa preta que me tornei pelo processo iniciático pedagógico ocidental. Toda vez que a adulta balança, a erê sempre dá a mão. E o contrário também. Eis a poética de contrários dançada no terreiro da vida.

Essas são as vias de acesso à minha encruzilhada formativa. Uma encruzilhada preta-gay, protegida pelo mistério das ruas e das estradas, anunciados pelas ayabás, que fazem de mim um profissional sobrevivente/resistente. Este sou eu. Sou o Professor Filgayra. Esse é o ilá que guia a saída de santo que ori-enta outras epistêmes em um mundo caduco, devido à força das ideologias de opressão, que tanto dizimam etnias sexuais divergentes da norma estabelecida pelo sistema-mundo.

Após apresentar, de modo ligeiro, o percurso educacional que me constitui, pelo qual fui iniciado na deseducação eurocêntrica, que inverti, como Exu, e fiz dele o meu patuá, lugar de

⁴⁷ Seguindo os passos de Odé Kileuy e Vera de Oxaguiã (2009, p. 115), o kelê é um colar que simboliza a pactuação do iniciante no candomblé com o orixá. Após o cumprimento do período de resguardo, o kelê é retirado do yaô (iniciante).

fala, graças à ajuda da coletividade, física e metafísica, que me abraça, tiro o kelê de feitura pedagógica e deixo a palavra a cargo do som que fez o meu ori black power gay durante a travessia. Ele me diz que “a vida ensina e o tempo traz o tom”. Nesse caso, conhecimento e tom não para nascer uma canção, mas para nascer uma redação, a deste texto. Afinal, como ensina a tradição ancestral preta, o meu caminho só Exu, só o meu Pai Ogum e só a minha Mãe Oxum podem mudar.

Laroiê!

Ogunhê!

Ore yê yê ô!

REFERÊNCIAS

- BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. Tradução Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BALDWIN, James. *Da próxima vez, o fogo*. Tradução Christiano Moreira Oiticica. Rio de Janeiro: Biblioteca Universal Popular, 1967.
- BARCELLOS, Mario Cesar. *Os orixás e a personalidade humana*. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.
- BRASILEIRINHO. Intérprete: Maria Bethânia. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2003. 1 DVD (86 min.).
- CINEMA transcendental. Compositor e intérprete: Caetano Veloso. Rio de Janeiro: PolyGram Studios, 1979. 1 disco (40 min.).
- CORREIA, Paulo Petronilio. *Agô, orixá! Gestão de uma jornada afro-estética-trágica: o relato de um aprendizado e de uma formação pedagógica vivida no candomblé*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2009.
- ELIS & Tom. Intérpretes: Elis Regina e Antônio Carlos Jobim. Los Angeles, USA: Philips, 1974. 1 disco (37 min.).
- FILGUEIRA, André Luiz de Souza. *Pedagogia preto-diaspórica: uma etnografia ético-filosófica do corpo deseducado*. In: FILGUEIRA, André Luiz de Souza; OLIVEIRA, Vanilda Maria; SILVA, Lion

Marcos Ferreira e (orgs.). *Corpo, corporeidade e diversidade na educação*. Uberlândia, MG: Culturatrix, 2021.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Organizado por Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, Bell. Escolarizando homens negros. Tradução de Alan Augusto Ribeiro e Keisha-Khan Y. Perry. *Estudos Feministas*, Florianópolis, SC, v. 23, n. 3, p. 667-689, set./dez. 2015.

KILEUY, Odé; OXAGUIÃ, Vera de. *O candomblé bem explicado: nações bantu, iorubá e fon*. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

LIMA, Luís Filipe de. *Oxum: a mãe da água doce*. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

LORDE, Audre. *Irmã outsider: ensaios e conferências*. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MAÇALÊ. *Compositor e interprete: Tinagá Santana*. São Paulo: Tratore, 2010.

MUNANGA, Kabegele; GOMES, Nilma Lino. *O negro no Brasil de hoje*. São Paulo: Global, 2006.

OLIVEIRA, Dú. *Xirê: a brincadeira lírica*. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2016.

OLIVEIRA, Eduardo. *Cosmovisão africana: elementos para uma filosofia afrodescendente*. Curitiba: Gráfica Popular, 2006.

PRANDI, Reginaldo. *Ogum: caçador, agricultor, ferreiro, trabalhador, guerreiro e rei*. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

QUANTO mais curtido melhor. Intérprete: Cidade Negra. Rio de Janeiro: Sony Music, 1998. 1 CD.

RATTS, Alex. *Corpos-espacos e diferenças no Centro-Norte brasileiro*. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE CULTURA E TERRITÓRIO, 1., 2018, Araguaína, TO. *Comunicação proferida na mesa "Do corpo ao território: relações etnicorraciais e de gênero"* [...]. Araguaína, TO: Universidade Federal do Tocantins, 2018.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

DE SANTO Amaro a Xerém. Intérpretes: Zeca Pagodinho e Maria Bethânia. São Paulo: Biscoito Fino, 2018. 1 DVD (97 min.).

SILVA, Vagner Gonçalves da. *Exú: o guardião da casa do futuro*. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

VERGER, Pierre. *Lendas africanas dos orixás*. Salvador: Fundação Pierre Verger, 2019.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. *Torto arado*. São Paulo: Todavia, 2019.

VIP, Angelo; LIBI, Fred. *Aurélia: a dicionária da línguaafiada*. São Paulo: Editora da Bispa, [s. d.].

WYLLYS, Jean. *Aflitos*. Salvador : Casa da Palavra, 2001.

WYLLYS, Jean. *Ainda lembro*. São Paulo : Globo, 2005.

WYLLYS, Jean. *Tudo ao mesmo tempo agora*. São Paulo : Giostri, 2009.

WYLLYS, Jean. *Tempo bom, tempo ruim: identidades, políticas e Afetos*. São Paulo: Paralela, 2014.

WYLLYS, Jean. *O que será: a história de um defensor dos direitos humanos no Brasil*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.



Submissão: 12 de maio de 2022
Avaliações concluídas: 22 de agosto de 2022
Aprovação: 07 de agosto de 2022

SOBRE A AUTORIA

Graduado em História (habilitação: bacharelado e licenciatura), pela PUC-GO. Mestre em Ciências Sociais (área de concentração: Estudos Comparados sobre as Américas), pela UnB. Doutor em Literatura (área de concentração: Literatura e Práticas Sociais), também pela UnB. Pós-Doutor em Ciências Humanas, pelo Programa de Pós-Graduação em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, da UEG. Desde julho de 2019, é Professor Adjunto de História da África e de História e Cultura Afro-Brasileira, na licenciatura de História, na UFPA, no Campus Universitário do Tocantins/Cametá. Lidero o Grupo de Estudos Jorge Laffond (Masculinidades e Sexualidades Afro-Diaspóricas), na UFPA/CNPq. Integro a RHN (Rede de Historiadorxs Negrxs); a ABPN (Associação Brasileira de Pesquisadorxs Negrxs) e o NEAAD/UEG (Núcleo de Estudos Africanos e Afro-diaspóricos da Universidade Estadual de Goiás).

COMO CITAR ESTE ARTIGO?

FILGUEIRA, André Luiz de Souza. Ronkó de ensinanças e outras viadagens: a trajetória pedagógica afro-diaspórica bixa. *Revista Temporis [Ação]* (Conexões Multidisciplinares em Educação). Cidade de Goiás; Anápolis. v. 22, n.2, p. 1-30, ago./dez., 2022. Disponível em: <<https://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>>. Acesso em: <inserir aqui a data em que você acessou o artigo>